



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
(PROGRAD) INSTITUTO DE
HUMANIDADES (IH) BACHARELADO EM
HUMANIDADES (BHU)**

ANNE LORRANE PEREIRA RODRIGUES

**MUDANÇAS DE COSTUMES DE VIDA EM FORTALEZA:
ELITES, CLASSES SOCIAIS, CULTURA e
“CIVILIZAÇÃO” NO INÍCIO DO SÉCULO XX (1900-1910)**

REDENÇÃO

2023

ANNE LORRANE PEREIRA RODRIGUES

MUDANÇAS DE COSTUMES DE VIDA EM FORTALEZA:
ELITES, CLASSES SOCIAIS, CULTURA e “CIVILIZAÇÃO”
NO INÍCIO DO SÉCULO XX (1900-1910)

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Rafael da Cunha Scheffer.

REDENÇÃO – CE

2023

RESUMO

Esse projeto de pesquisa discute as percepções sobre as mudanças de costumes dos moradores de Fortaleza no início do século XX, no período entre 1900 a 1910, que foi significativo de transformações urbana na capital cearense. O projeto foi estruturado a partir da discussão bibliográfica sobre as mudanças em curso e a análise de jornais do período e seus comentários sobre a vida cotidiana na cidade, em especial as críticas ao comportamento de determinados grupos sociais e indivíduos. O projeto tem como objetivo discutir as narrativas sobre os comportamentos considerados adequados nos periódicos, percebendo as tensões e delimitações entre os grupos sociais, assim como os diferentes aspectos do processo de “civilização” que grupos da elite procuravam impor ao conjunto da população.

Palavras-chave: Costumes; Sociabilidade; Fortaleza; Século XX; Classes sociais; Civilização;

SUMÁRIO

1. Apresentação	1
2. Justificativa e problematização	3
3. Delimitação do problema	8
4. Revisão bibliográfica	9
5. Reflexões metodológicas e fontes	13
6. Fontes	18
7. Referências bibliográficas	19

APRESENTAÇÃO

O início do século XX foi um período de transformações significativas em Fortaleza, com o surgimento de inovações e mudanças na vida urbana, na convivência e sociabilidade de seus habitantes. Como em outras cidades da época, a cultura de Fortaleza era totalmente inspirada na capital francesa, com as cafeterias da cidade tendo seus nomes em francês, com ruas e praças inspiradas nas de Paris. O próprio cotidiano da cidade e suas práticas culturais passaram a ser vistos de forma semelhante, com uma dura crítica a práticas sociais vistas como impróprias, e isso se relacionou com uma divisão social ou visão de classe sobre a situação. Assim, por exemplo, podemos observar como em relação à música havia uma divisão de classe em Fortaleza, com o maracatu e o samba, amplamente difundidos entre os populares, sendo vistos de forma depreciativa pela elite local.

Ao mesmo tempo, foi se desenvolvendo nos círculos de parte da juventude local e nos periódicos uma visão crítica dessa elitização, representando o que passou a ser visto como uma sociedade “amolecada”. Com essa percepção surgiu uma “contra crítica” da mudança de costumes, com periódicos ironizando a população elitista e os “bons costumes” da época.

A partir deste contexto, o presente projeto tem como tema as mudanças de costumes de vida em Fortaleza no início do século XX, especialmente sua percepção e crítica, procurando mostrar essas mudanças em face das hierarquias sociais da cidade. Nas mudanças da capital cearense podemos observar impactos dessas ideias, com a valorização de hábitos e costumes voltados a uma “boa sociedade”, inclusive com a defesa da separação de grupos sociais da época. Isso pode ser percebido na constituição de alguns locais como o Passeio Público de Fortaleza, que naquele período possuía suas divisões de classe nos próprios espaços de circulação, com separação do local exclusivamente para elite e outro para a classe média e populares.

Assim, esse projeto de pesquisa busca entender como esse comportamento e mudanças de costumes da sociedade fortalezense foi percebido pelos contemporâneos, procurando compreender como as relações de sociabilidade e

conflito social se expressavam. Para tanto, a pesquisa selecionou para estudo alguns jornais do período, especialmente aqueles que procuraram fazer suas críticas em relação a esses “bons costumes” que parte da sociedade procurava impor, muitas vezes usando da ironia como forma de questionar a *Belle Époque* em terras cearenses.

Explorando as fontes esperamos identificar elementos de tensão nas práticas sociais do dia a dia da sociedade fortalezense. Através deles vamos analisar a percepção de comportamentos adequados ou “civilizados” e sua marca como sinal distintivo de determinados grupos sociais, assim como as propostas de mudança de costumes como um sinal do processo de modernização da sociedade. Com isso procuraremos compreender como as discussões sobre os costumes exprimiam uma tensão entre os grupos sociais, com os jornais atuando como porta vozes e divulgadores de posições e projetos.

JUSTIFICATIVA E PROBLEMATIZAÇÃO

No início do Século XX, no período de 1900 a 1910, a capital cearense passava por várias mudanças em seu tecido urbano. E os próprios contemporâneos percebiam claramente isso. O historiador Paulino Nogueira apontava em 1900 que grandes alterações estavam em curso na capital cearense, com o surgimento de passeios públicos, edifícios elegantes, templos majestosos, ruas alinhadas entre outros, concluindo que Fortaleza estava na fase de sua modernização (PONTE, 2000, p. 162).

Um exemplo significativo dessa arquitetura e seus sentidos era o passeio público de Fortaleza, que era um espaço bem ventilado, perto do mar, decorado com estátuas que tinham inspiração na mitologia grega. Era um lugar frequentado por todos na época, mas com divisões de classe. O autor Sebastião Rogerio Ponte relata que havia três divisões, o primeiro nível no qual havia mais beleza era frequentado pela elite, e o segundo e o terceiro eram frequentados pela classe média e populares (PONTE, 2000, p. 170-171, 180-181).

E esse não foi o único espaço de sociabilidade alterado. No século XX a praça do Marquês do Herval (que hoje é a praça Jose de Alencar), a praça do Ferreira e a praça da Sé eram consideradas as principais praças de Fortaleza e sofreram reformas significativas para sua modernização (PONTE, 2000, p. 180). Como outras cidades do período, Fortaleza se inspirava em Paris, inclusive com a imitação dos cafés na cidade, que eram a marca registrada da capital francesa. Ainda na década de 1880 foram abertos quatro cafés na Praça do Ferreira, marcando locais de sociabilidade importantes para essa sociedade. Conforme aponta Ponte, a busca pelo afrancesamento da capital era algo muito presente (PONTE, 2000, p. 171).

Essas mudanças que a elite pretendia impor, contudo, não aconteceram sem reações ou críticas, ainda no fim do Século XIX. Jovens literatos locais passaram a produzir jornais e poemas tecendo críticas jocosas das práticas sociais na capital cearense, produzindo desconforto e uma visão cômica dos eventos locais.

Os jovens boêmios expressavam em seus poemas suas vidas, mostrando que aquela “belle époque de Fortaleza” não tinha a perfeição que ela pretendia, e que poderia ter outra forma. Em 1892 alguns desses jovens criaram uma

agremiação de letras e artes, a Padaria Espiritual, que tinha a intenção de ser um confronto direto à burguesia, mostrando os escândalos e provocando incômodo suficiente para ser monitorada pelas autoridades (PONTE, 2000, p. 174-177).

Sebastião Rogerio Ponte relata ainda que, por conta de muitos conflitos no centro de Fortaleza, as elites decidiram se mudar para áreas distantes e desocupadas como Jacareacanga, que se tornava o primeiro bairro elegante de Fortaleza. E na sequência foram surgindo bairros como a Praia de Iracema e a Aldeota. A própria forma de se locomover na cidade passava por uma transformação. Em 1910 surgiram os automóveis e os bondes elétricos, e já em 1913 se andava com alta velocidade que provocava atropelamentos. E para dar suporte a essas alterações foram abertas ruas e avenidas na cidade, com a instalação de calçamento e calçadas, e também de postes elétricos para os bondes (PONTE, 2000, p. 184-185).

Além das mudanças nas estruturas urbanas e nos espaços de sociabilidade, o próprio conteúdo das práticas culturais foi posto em discussão. Um exemplo disso pode ser percebido na pesquisa de Ana Luiza Rios Martins a respeito da música na capital cearense. Segundo a autora, no início do século XIX os tipos musicais que se fixaram em Fortaleza eram o maracatu, bumba meu boi, samba, congos e pastorinhas. Com o tempo e as mudanças, tais práticas passaram a não ser mais tão toleradas pela elite econômica e intelectual da cidade, que era a favor dos projetos reformadores sociais e práticas vistas como compatíveis com as ideias progressistas e civilizadas. Isso se refletiu também com a chegada de músicas do estilo Europeu como a modinha, a polca, a valsa, a haberna e a quadrilha, entre outras (MARTINS, 2012, p. 84-85).

Analisando os programas de bailes divulgados em jornais, a autora aponta como as práticas musicais foram sendo “apropriadas e ressignificadas em Fortaleza”, com bailes misturando diferentes tipos e práticas. Além disso, deixa claro como, apesar de serem trazidos e praticados pelas elites, esses gêneros musicais também chegaram às camadas menos abastadas.

Nos bailes popularescos, os indivíduos consumiam esses gêneros musicais por diversos motivos. Primeiro, porque apreciavam as novas danças, os instrumentos, o ritmo, e, segundo, por não poderem expressar suas práticas

musicais nos salões alugados. Eduardo Campos aponta que “danças indecentes” e “instrumentos capazes de produzir dezastres” eram proibidos nos bailes popularescos. O mesmo estava fazendo referência a danças de origem negra como o samba, o lundu, e a instrumentos como o maracá e o tambor, entre outros. Ainda, segundo o autor, houve momentos em que “quase” ocorria o contrário no concerto-baile: “Era tal a louca alegria que, por momentos, supuz fossem propor as danças crioulas; mas, o decoro a isto se opunha”. (MARTINS, 2012, p. 94-95).

Assim, a construção de normas e padrões de comportamento aceitáveis – “o decoro a que isto se opunha” – mostravam a busca por cercear a circulação de ritmos e danças consideradas inadequadas a uma população educada. Nesse aspecto, a crítica recorrente ao maracatu nos jornais da época mostrava tanto essa busca quanto os limites da crítica. Vista como uma demonstração popular que vinha de escravos, um gênero musical “grosseiro”, as seguidas condenações não faziam com que as pessoas deixassem de praticar o maracatu, apontando os limites da crítica aos costumes ditos populares. E esse tipo de discussão foi relativamente comum quando olhamos os periódicos da época.

Seguindo as influências francesas e inglesas, os jornais fortalezenses empregavam e discutiam o termo “civilização”, objetivando o processo de civilização da cidade de Fortaleza e relacionando-o também ao teatro. Camila Silveira Lima destaca os debates em torno do teatro na capital cearense, e suas conexões com os ideais de modernização do período:

Assim, argumentava *A Republica*: “ser o teatro reflexo da civilização de um povo”. Portanto, defendiam os discursos jornalísticos que, seja construindo os teatros, escrevendo a literatura dramática, levando as peças aos palcos, valorizando os artistas, frequentando ou comportando-se nos teatros, um povo civilizado possuía um teatro civilizado e vice-versa. Desta forma, o teatro estava sendo percebido como significado de civilização, ou seja, o teatro deveria ter a função civilizadora para a cidade de Fortaleza daquele período, pois tendo um teatro civilizado significaria que a cidade também a era (LIMA, 2011, p. 6).

Foi nesse período que Fortaleza ganhou um novo teatro com estrutura semelhante aos teatros europeus, com as obras do Theatro José de Alencar se iniciando em 1908 e terminando em 1910, sendo alvo constante de críticas na

imprensa devido aos altos custos. Apesar disso, o Theatro José de Alencar tornou-se uma referência e importante casa de espetáculos, recebendo produções e artistas brasileiros e estrangeiros.

A inauguração ocorreu em 17 de junho de 1910, sob a música da Banda Sinfônica do Batalhão de Segurança e o discurso inaugural ficou a cargo de Júlio César da Fonseca Filho (COSTA, 1972, p.28). O Theatro José de Alencar pode ser percebido como um marco da cidade de Fortaleza, pois “a característica essencial de um marco viável (...) é sua singularidade, o contraste com seu contexto ou seu plano de fundo” (LYNCH, 1997, p. 112), que também marca o governo acciolino na sua defesa da civilização e do progresso. (LIMA, 2011, p. 09-0).

Divulgando os debates, repercutindo as ações e nos permitindo acessar as discussões da época, os jornais foram formadores de opiniões, apesar do cenário de informações ser destinado na maioria das vezes para um público elitizado. Os valores defendidos por esses jornais eram frequentemente voltados para os interesses da elite local e nem sempre atuavam para a maioria da população.

Nesse aspecto é importante lembrar que a imprensa “teve seu nascimento ligado ao ideal de modernidade, sendo uma das principais impulsionadoras desse sentimento”. Em Fortaleza, assim como em outras cidades, “os jornais destacaram-se como importantes veículos disseminadores de ideias, valores e paixões na sociedade que experimentava ideais de modernidade e aformoseamento inspiradas nos modelos das grandes cidades europeias.” (SANTOS, 2021, p.1)

Conforme pudemos observar nos diversos estudos explorados, na Fortaleza do início do século XX era notório o processo de mudança física e de costumes que afetava a cidade, inspirado pela *Belle Époque* e um modo de vida inspirado em Paris. No desenvolvimento deste processo e nas críticas que surgiram ficavam nítidos tanto a divisão de classes sociais entre a população que habitava a cidade quanto as visões por vezes depreciativas sobre os costumes de grupos sociais menos favorecidos. Em pesquisa com jornais da época percebemos que a sociedade conservadora procurava ditar o que era certo ou errado de acordo com seus hábitos e costumes. Na edição do jornal *O Trabuco* publicado em 10

de fevereiro de 1900, por exemplo, foi relatada uma reclamação sobre garotos que faziam um certo tipo de corte de cabelo que era visto com maus olhos pela elite conservadora da época. Na mesma edição apareceram ainda denúncias de namoros escondidos que eram vistos como problemáticos e estavam desrespeitando regras, relatando que uma moça estava “dando letra” para um jovem caixeiro, explicitando a divisão de classes sociais em uma situação na qual uma jovem da sociedade não poderia namorar um pobre caixeiro.

Buscando compreender melhor esse período e suas tensões, vamos nos valer dos comentários de jornais sobre os hábitos civilizados e suas críticas à diferentes costumes e grupos sociais. Para além da crítica, buscava-se também divulgar normas adequadas e disciplinar as pessoas, como pode ser percebido no jornal *Pátria*, na edição de 13 de abril de 1910. Um trecho relata que um menor ao ir deitar na cama para dormir deveria ter o hábito primeiro de pedir licença aos seus pais. De forma semelhante, o mesmo jornal também indicava bons costumes à mesa, da edição publicada em 11 de maio de 1910, indicando que ao sentar na mesa não se deveria apoiar os cotovelos, os pulsos deveriam ficar levemente apoiados e a cabeça um pouco inclinada enquanto se come. Nesse tipo de exposição ou “lição” percebemos os costumes que a elite buscava divulgar e ensinar para as demais pessoas para “torná-los” civilizados.

De forma semelhante, ao discutirem a “civilização” de Fortaleza naquele período, os jornais também buscaram destacar sua relação com a construção e o desenvolvimento de espaços adequados para isso, como a relação com o teatro. Ao mesmo tempo em que criticavam e denunciavam práticas e costumes considerados inadequados, através de suas críticas e “lições”, parte dos jornais relatavam como as pessoas deveriam se comportar para serem consideradas civilizadas, e que tipo de práticas deveriam adotar, como frequentar os teatros, pois assim se construiria uma sociedade mais civilizada ou moderna – a partir do que a elite entendia desses conceitos.

Usando as críticas e comentários dos jornais como fonte para entender esse processo de mudanças de hábitos e seus conflitos, o presente projeto busca contribuir com uma melhor compreensão das tensões sociais na Fortaleza do início do Século XX.

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

O início do Século XX foi uma época de grande transformação para a estrutura urbana e a sociedade de Fortaleza, em um processo de “aformoseamento” da capital cearense no contexto da chamada *Belle Époque*. Nesse processo, a intensificação das tensões e as visões sobre os diferentes grupos sociais e suas práticas no contexto de “modernização” dos costumes se mostra como um momento significativo para explorarmos as percepções e conflitos sociais na sociedade fortalezense.

As discussões sobre práticas sociais, costumes e hábitos publicados nos jornais locais nos ajudam a compreender melhor as delimitações de uma sociedade “civilizada” nas visões da elite, assim como entender o que seriam os comportamentos desqualificados e inapropriados. Analisando o contexto em tela podemos compreender um pouco melhor o processo de seleção de comportamentos e hierarquização social em curso, algo ainda presente na dinâmica social contemporânea.

Optamos por delimitar nossa discussão nas décadas iniciais do Século XX, momento em que essas mudanças se tornam mais significativas no tecido urbano de Fortaleza, assim como temos a existência de uma série de periódicos, muitos deles satíricos, que levantaram uma série de questões sobre as mudanças em curso na sociedade.

Para entender as visões construídas sobre esse processo de mudanças de costumes e práticas sociais, as tensões, críticas e conflitos que a cercam, os jornais surgiram como uma fonte fundamental. Além disso, a disponibilização de uma grande coleção on-line de periódicos de Fortaleza no site da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional nos permite ter acesso a essa fonte que representava diferentes grupos de opinião, permitindo inclusive a análise de críticas a esse projeto de modernização/aformoseamento em curso.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O interesse na pesquisa sobre Fortaleza foi motivado por compreender como o processo de mudança e modernização da cidade se relacionou com as relações e conflitos sociais, conformando a Fortaleza que temos hoje. Buscando entender como foi esse “processo civilizador”, como a sociedade se comportava e como diferentes grupos sociais viam essa modernização/mudança, passamos a explorar a bibliografia existente sobre o tema. O que nos permitiu ao longo do processo apreender de forma mais significativa como era a capital cearense antigamente.

Nesse aspecto, a referência inicial mais importante para a discussão foi o texto de Sebastião Ponte que faz parte da coletânea *Uma nova História do Ceará*, que procurou apresentar novas perspectivas para o passado da região. *A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle*, explora o início da modernização e progresso material da capital cearense, acompanhando o desenvolvimento de uma série de construções e equipamentos urbanos, com o surgimento de novas praças, edifícios elegantes, templos majestosos, ruas alinhadas (PONTE, 2000). Com esse intento o autor explora uma série de mudanças: aponta os impactos da instalação da estrada de ferro ligada à Baturité, facilitando o transporte de algodão e de pessoas para Fortaleza; o cemitério São Joao Batista que ganhou novos túmulos com modelos góticos e sofisticadas esculturas, mostrando o estilo Europeu; e a fotografia também surgindo nesse período de modernização. Ainda segundo este autor, a modernização da capital cearense foi marcada pela cultura francesa, foram remodeladas as três principais praças que ganharam amplos jardins, novas estatuas e vasos importados para as pessoas terem a sensação como se estivessem em Paris.

Partindo da leitura deste texto, foram surgindo várias questões sobre outros aspectos do comportamento da sociedade fortalezense, com o texto de Ponte contribuindo para desenvolver o início da pesquisa, nos quais os demais assuntos foram encaixando e ampliando nossa compreensão sobre o contexto.

Também para o período Ana Luíza Rios Martins estudou a dinâmica estabelecida entre as antigas manifestações populares e os novos gêneros musicais trazidos

da Europa, o que gerou tensões e apropriações, servindo também de campo para disputas entre os projetos de “modernização e civilização” e as práticas e ritmos populares já consagrados. A desqualificação e a intolerância em relação às manifestações populares, contudo, não impediu sua existência e nem a readaptação de influências europeias ao gosto popular. Contudo, servia para definir pertencimentos:

Dessa forma, as práticas musicais definiam também as formas pelas quais os grupos se expressam por meio da execução, composição e recepção dos sons. Esses grupos buscavam se definir culturalmente através da identificação com determinados instrumentos, gêneros musicais ou ambientes, que proporcionam essa sociabilidade. (MARTINS, 2012, p.85).

Assim, a autora aponta como algumas práticas musicais passaram a não mais serem toleradas pela elite da capital neste período de modernização, com danças de origem negra, como o samba e o lundu, sendo vistas como indecentes. Para a nossa discussão, o texto de Martins sobre a musicalidade em Fortaleza permitiu que ampliássemos nossa compreensão para outros campos das práticas sociais e culturais. Sua leitura nos permitiu entender como era percebido o estilo musical das pessoas, e percebemos a desigualdade com que eram recebidos, com uns tipos eram vistos com “bons olhos” e outros estilos com “mal olhos”. Ressalta, ainda, como ocorreram situações nas quais esses estilos se misturavam e já passavam a ser aceito pela sociedade.

O teatro também foi percebido como um campo importante para o “progresso” da capital cearense, como nos relata Camila Imaculada Silveira Lima no texto *Abram as Cortinas* (LIMA, 2011). O universo do teatro era apresentado pelos jornais relacionado ao processo de “civilização”, sendo visto como um campo para o avanço das práticas civilizadas em Fortaleza. Lima destaca como a inauguração do teatro Jose de Alencar foi um marco para a cidade, dando mais visibilidade nesse processo de civilização/educação, não só pela sua estrutura arquitetônica, com sua semelhança com centros europeus e do Rio de Janeiro, mas como um espaço artístico adequado, já que antes dele as apresentações ocorriam em lugares improvisados.

Tendo em vista o importante papel dos periódicos nas pesquisas, buscamos maiores informações sobre o contexto de sua publicação no texto de Wilton

Santos, *Imprensa e redes sociais de comunicação no Ceará do início do século XX* (SANTOS, 2011). Nessa obra o autor procura discutir o nascimento e expansão da imprensa em terras cearenses, indicando como a imprensa teve seu nascimento ligado ao modernismo. Santos aponta como os jornais tiveram seu destaque como os principais veículos de ideias no período. Em vários pontos importantes da cidade havia pontos de vendas dos jornais, e as notícias desses periódicos também chegavam pelos interiores do Ceará. Com avanços e novas técnicas de impressão foram aparecendo novas estratégias para prender a atenção do leitor, com Santos indicando como essa dinâmica se fortaleceu no novo século, principalmente nas duas primeiras décadas, com o interesse na população classificada como camada média.

Através da leitura de Santos conseguimos entender um pouco melhor a dinâmica da imprensa de Fortaleza, procurando apreender como foram surgindo esses jornais e qual público em específico tinha acesso a essas informações. Percebemos, claramente, como a imprensa se via ligada ao processo modernizador de Fortaleza.

De forma mais ampla, buscando compreender melhor a dinâmica social e as relações de identidade, hierarquização e as relações de força relacionadas aos costumes, procuramos uma referência teórica para a discussão, tendo o livro *O processo Civilizador*, de Norbert Elias, surgido como fundamental. Nesta obra o autor discute os significados de cultura e costumes em diferentes tempos e sociedades, relatando como determinados grupos sociais passaram a usar práticas e costumes como marcadores de diferenciação e superioridade sobre outros grupos. Na sua perspectiva, os “bons modos e costumes” apareceram como marcas de diferenciação e “civilização” de uns grupos, frente a “ignorância” ou atraso de outros, mostrando uma hierarquização (ELIAS, 1994). Um exemplo é sobre o comportamento a mesa, com o ato de não comer com as mãos sendo mais uma marca do domínio de um comportamento “civilizado” (diferenciado da ação “incivil” de comer usando as mãos) à mesa do que algo ligado à higiene. Saber usar o garfo diferenciaria e mostraria a superioridade de um grupo de pessoas sobre outras, neste exemplo.

Ao se debruçar sobre os costumes como marca do lugar social, e logo inserir sua discussão na construção das hierarquizações e relações sociais, o trabalho

de Elias nos serve de guia. Desde o período por ele estudado os chamados bons costumes eram pregados na sociedade e havia uma diferenciação de pessoas que tinham o acesso a esses costumes. Assim, a forma de se comportar a mesa, o modo de se vestir e de se portar na sociedade, a música, danças e espaços de sociabilidade podem ser percebidos como marcas de distinção social, cujo acesso e prática construiria hierarquias e mostraria a superioridade de uma elite frente às classes populares. Algo marcante quando analisamos as discussões e críticas sobre a adequação e mudança de costumes na Fortaleza da *Belle Époque*.

Buscando compreender de forma adequada o contexto geral e a conexão das questões locais com as nacionais, vamos nos valer também de uma série de estudos mais amplos sobre o cenário brasileiro, referências importantes para uma série de discussões que buscaremos realizar. Pensando as questões de gênero, mudanças de comportamento e vida privada, diferentes artigos da coletânea *História da vida privada no Brasil* (SEVCENKO, 1998) vão nos permitir compreender melhor o lugar percebido como adequado para as mulheres na sociedade, na percepção de alguns grupos sociais, e os processos de modernização nas décadas iniciais do período republicano.

Nesse mesmo contexto e pensando o papel dos intelectuais nos debates do período, *Literatura como missão* (SEVCENKO, 2003) vai nos permitir compreender melhor o lugar social e a perspectiva que mobilizava muitos dos jornalistas e intelectuais na época, que nos jornais publicavam seus projetos e críticas à sociedade brasileira contemporânea. Além disso, tal obra nos permite compreender melhor os significados e o contexto de implementação da *Belle Époque* em terras brasileiras.

Sobre os jornais e jornalistas, a discussão de Nelson Werneck Sodré em *História da Imprensa no Brasil* (SODRÉ, 1977) vai nos permitir situar melhor essas produções e as questões que envolviam sua editoração e circulação no período em análise. E no campo mais específico da análise histórica sobre essa fonte, Tânia de Luca vai nos ajudar a compreender os diferentes problemas que envolvem essa fonte e sua análise (LUCA, 2005).

REFLEXÕES METODOLÓGICAS E FONTES

Buscando responder as questões propostas neste projeto de pesquisa, pensamos em construir uma abordagem baseada na análise qualitativa dos jornais do início do Século XX, no período de 1900 a 1910 em Fortaleza. Como fontes que discutiam o cotidiano da cidade e as relações sociais que se desenvolviam, os periódicos aparecem como uma oportunidade de conhecermos melhor aspectos das visões de mundo e percepções de algumas classes sociais.

Como aponta Tania de Luca, ao trazermos os periódicos como objeto da análise histórica, precisamos ter clareza das diversas questões que envolviam sua produção e sua relação com contextos específicos (LUCA, 2005). Em Fortaleza, entender a que grupos políticos e sociais se relacionavam os jornais, quais os objetivos da sua publicação e quem eram os responsáveis por ela vai nos permitir explorar melhor a relação das opiniões, notícias e críticas frente as relações de força estabelecidas naquela sociedade. Além disso, uma compreensão do contexto de produção e circulação dos periódicos nos dará uma noção mais clara dos impactos e significados de suas discussões na capital cearense. Assim, a partir dos apontamentos da autora vamos buscar mais informações sobre os jornais e jornalistas locais.

E para situar com mais clareza as discussões nos jornais, vamos nos valer ainda de uma série de estudos que discutem esse contexto de mudanças em Fortaleza, que foram discutidos na Revisão Bibliográfica. Dialogando com esses trabalhos e seus achados procuraremos compreender com maior profundidade as tensões e conflitos presentes nesse processo de “civilização” e modernização de Fortaleza. E também o papel dos jornalistas e diferentes grupos de autores, como os membros da Padaria Espiritual, como intelectuais ligados ao processo de modernização, “civilização” e implantação dos modelos de comportamento europeus na região – ou sua crítica – compreendendo este campo social e o lugar da imprensa, intelectuais e da literatura de forma geral no contexto da época, como desenvolve Nicolau Sevcenko (SEVCENKO, 2003)

Voltando a nossa fonte principal, os exemplos que seguem nos ajudam a entender melhor as críticas de comportamentos e ações de grupos sociais por parte dos periódicos. Em sua edição de 5 de setembro de 1900, o jornal *O Saca-Risos* relatava:

Quadro desolador

Bandos de retirantes esfaimados e maltrapilhos, esmolando caridade publica, percorrem as ruas da cidade, exaustos, esqueléticos.

Nos pontos de parada dos bondes, homens. Mulheres e crianças, verdadeiros espécimens da miseria, em risco de serem esmagados pelas rodas dos veiculos, rodeam-n`os, antes mesmo do termo da viagem, implorando dos passageiros, com as lagrimas nos olhos da fome estampada nos rostos macilentos, uma esmola pelo amor de Deus!

Cara ou c`rôa?

Contaram-nos que alguns soldados da Guarda Civica reúnem-se às vezes no Bemfica, jogando cara ou c`rôa? para o que convidam retirantes, os quaes vão perder os miseraveis vintens que lhes dão para manterem a fome. Estamos certo que o honrado commandante destes degenerados, nosso distincto amigo major Ranulpho Lyra, ainda não teve conhecimento de tal imoralidade senão, disciplinador e zeloso como é, já teria punido os seus subordinados.¹

Os jogos de azar, muitas vezes alvos de discursos moralistas no período, são ainda mais depreciados no contexto de exploração de retirantes por soldados da Guarda. Aqui a postura desses soldados, “degenerados”, aparece como duplamente condenável – pelo jogo irregular que ainda prejudicava os mais pobres, vindo de figuras de autoridade que deveriam manter a ordem.

Em muitos casos, eram os namoros e, em especial, o comportamento das garotas que se tornava o foco dos jornais, como aparece no jornal *O Vapor*:

É pena o jornal ser tão pequeno, senão eu contava outra; em todo caso, vou escrever:

Na rua d´Assembléia tem gente com charéo no mangue.

Um namorosinho novo, fresco como queijo de qualho, do sertão.

O peor é que a menina ainda cheiro a leite, e o namorado já que botar a vapor.

Santo Deus, p´ra que tanta agoniação.²

¹ *O Saca-Risos*, n. 6, de 05/09/1900.

² *O Vapor*, n. 1, de 01/07/1900.

Apesar de ainda não conseguirmos compreender claramente a expressão “charéo no mangue”, parece clara a preocupação com a moralidade da garota e as ações do namorado. O risco contra a moralidade da jovem aparece aqui como um alerta para as famílias. Algo semelhante ao que percebemos nesta outra nota, publicada no jornal *O Trabuco*, publicado em 10/02/1900:

Só um bom conselho por abaixar a damnação.”
“Na rua G. Sampaio temos também uma velhota que necessita de bons *puxavantes* pois segundo nos consta anda bancando bixo.
Sendo de notar que o cambista é o namorado.
Ah! Jogo!...”³

Aqui, além da discussão apontada anteriormente sobre o namoro com o caixeiro, a questão da vigilância sobre as mulheres para impedir relacionamentos indesejados aparece também relacionada a uma mulher mais madura. Inclusive o termo pejorativo para se relacionar a mulher – “velhota” – torna clara a desqualificação do comportamento da mesma. Vemos claramente como naquele período alguns namoros eram vistos como problemáticos, e era alvo de publicação em jornais da época, virando motivo para comentários pela população e também nos mostrando os limites da ideia de privacidade no período. Como um ponto adicional, a crítica ao jogo e aos envolvidos nele também está presente aqui.

Por sua vez, temos também a publicação sobre os bons hábitos, buscando servir de exemplo para os habitantes da capital cearense. No jornal *Pátria* publicado em 20/04/1910 são discutidos os bons modos de higiene ao longo do dia, e os cuidados e hábitos de limpeza com o corpo, vestidos, com a casa, defendendo hábitos como sempre lavar as mãos antes das refeições. Além disso, aponta como “incivilidade” a pessoa apresenta-se com a barba crescida.

No Jornal *Pátria*, na edição de número 16, publicado em 11/05/1910 os seguintes conselhos eram dados:

A pessoa convidada para um jantar deve ser o mais pontual possível á hora indicada no cartão ou na carta de convite.

³ *O Trabuco*, n1, de 10/02/1900.

Deverà tomar na meza o lugar que lhe for designado pelo dono da casa e não lhe sendo indicado lugar algum deverà esperar que todos se tenham sentado, ou pelo menos as pessoas mais respeitaveis, e então tomará o lugar que ficar desoccupado.

Em caza devemos nos servir com moderação e asseio, habituando-nos assim a comer com cuidado para depois não passarmos por decepções em mezas de cerimonia.

Devemos, na meza, conservar o corpo direto, e os pulsos levemente apoiados na meza e a cabeça um pouco inclinada enquanto se come.

Não se deverá apoiar os cotovellos na meza e e nem abrir os braços incommodando os nossos vizinhos.⁴

Esses “ensinamentos” explicitam hábitos considerados “civilizados”, trazendo não só práticas, mas também as noções de como as hierarquizações (“as pessoas mais respeitáveis”) deveriam ser colocadas em práticas.

A hierarquia e o “lugar” social das pessoas, assim como o comportamento adequado a estes, também aparece como uma preocupação central de outros “ensinamentos” apresentados pelo jornal *Pátria*:

O modo de trajar deve differir nas pessôas conforme a idade estado, posição social fortuna; e tambem corforme o clima, lugares e actos a quem teem de assistir.

Não se pode uzar enfeites de grandes valor quando os nossos meios pecuniarios não dão para isto.

Devemos nos vestir com simplicidade, mas com gosto e muita honestidade. Ha uzos que são verdadeiras affrontas a pudicicia como por exemplo o decote.

Toda pessoa honesta procura occultar seu corpo com vestuarios decentes, pois a pudicicia e a bôa moral manda cobrir as carnes.

O decote é condemnado pela bôa educação.

A reputação e proibida de um homem exige que elle traje com honestidade, e mais exige a reputação de uma senhora. Por que a mulher que decota-se e traja com exagero e affectação não só se expõe a muitas indirectas com obriga a opnião publica a fazer d’ella um juizo desfavoravel.

Não devemos desprezar de toda a moda, mas devemos trajar com modestia, asseio e bom gosto.

Em um templo só devemos entrar com roupas serias e decentes e nunca com capas ou vestidos com phantasias exagerada, proprios para bailes carnavalescos.

Nos actos funebres, nos enterros devemos nos apresentar com roupas pretas nas sem distinctivo de luto.

Nos passeios, nos bailes, devemos estar bem trajados, mas sem affectação.

A senhora que uzar vestidos justos ou frouxos, conforme a moda, não deverà fazer exagero nisto porque mostra as formas do corpo se o vestido é justo e fica afogado em fazendas se elle é frouxo; deve ser tudo em termo.

Em casa devemos estar sempre promptos, isto é, capaz de sair á rua ou de receber qualquer visita.

⁴ *Pátria*, n. 16, de 11/05/1910.

As roupas devem estar sempre de acordo com o chapéu e calçados. Uma pessoa vestida com um facto escuro ou preto não deverá trazer sapatos brancos.

Para se trajar com elegancia e bom gosto não é necessario fazer ostentação, e cada um deve andar conforme o meio social onde gira e de acordo com seus recursos.

Não devemos trazer o chapéu no alto da cabeça como os capadocios e nem enterrados até as orelhas; devemos collocal-o nem muito em cima dos olhos.⁵

A adequação das pessoas a modos de vestir e comportamentos, de acordo com seu lugar social, mobiliza os jornalistas do Pátria, mostrando comportamentos sociais adequados para o dia a dia das pessoas que seriam referências para torná-las civilizadas. Inclusive com explanações sobre os bons modos na hora de dormir, explicitados na edição de 13/04/1910 do mesmo periódico.

Nesses trechos explorados de jornais publicados em Fortaleza, observamos diferentes aproximações à questão dos costumes, com alguns periódicos optando pela crítica, outros pela pilhéria, e ainda outros com uma proposta mais “pedagógica”, de apresentar os hábitos considerados civilizados ou adequados. Vemos como os periódicos procuravam ensinar hábitos civilizados à mesa, ao dormir, no modo de se vestir, enquanto outros procuravam explorar modos e práticas que eram criticados e expostos como exemplo para o leitor não aderir.

Nesse aspecto, pensar a conexão dessas discussões com um debate mais amplo sobre a construção de modelos de vida privada, e a discussão pública destes nos remete a uma série de questões trabalhadas em artigos da coletânea *História da vida privada no Brasil* (SEVCENKO, 1998) que conectam mais uma vez nossos temas a um debate historiográfico mais amplo.

A partir do exposto, esperamos com o desenvolvimento do projeto, a continuação da leitura de periódicos e a contextualização de seus grupos produtores aprofundar nosso entendimento das mudanças de comportamento e das críticas sociais no período, percebendo como os grupos sociais foram sendo caracterizados e alvos de comentários pelos defensores e críticos desse “processo civilizador” em terras cearenses.

⁵ Pátria, n. 15, publicano em 03/05/1910.

FONTES

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acervo on-line disponível no seguinte endereço: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acessados entre junho de 2022 e janeiro de 2023.

- *Patria* (1910);
- *O Vapor* (1910);
- *O Saca-risos* (1900);

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIAS, Norbert 1897-1990. *O Processo Civilizador. Uma história dos costumes*. Volume I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

LIMA, Camila Imaculada Silveira. Abram as cortinas: o teatro na cidade de Fortaleza do início do século XIX. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, 2011 (disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300674257_ARQUIVO_ArtigoSimposioNacionalSP.pdf , acessado em 23/07/2021).

LUCA, Tânia Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla (org.). *Fontes históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-154.

MARTINS, Ana Luíza Rios. Práticas musicais na “Belle Époque” fortalezense (1888-1920). *Revista de História*, v. 4, n. 2, Salvador, 2012, p. 82-106 (disponível em https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwi3i_2E1fnxAhXPIJUCHQKsDj8QFjAAegQIBxAD&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufba.br%2Findex.php%2Frhufba%2Farticle%2Fdownload%2F28206%2F16729&usq=AOvVaw3hXvOf15l3wPbClrdOx0dV, acessado em 22/07/2021).

PONTE, Sebastião Rogério. A Belle Epoque em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUZA, Simone de. (Org.) *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000, p. 162-191.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SOUSA, Eusebio de. A imprensa do Ceará dos seus primeiros dias aos atuais. *Revista do Instituto do Ceará*. Anno XLVII-1933 (disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAnoHTML/1933indice.html>, acessado em 05/08/2022).

SANTOS, Wilton. Imprensa e redes sociais de comunicação no Ceará do início do século XX. *31ª Simpósio Nacional de História/ ANPUH- BRASIL. 2021* (disponível em:

https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628813582_ARQUIVO_7d40186c9ba2f74210df8753d91e91ab.pdf, acessado em 04/04/2022).

SEVCENKO, Nicolau (Org.) *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.